

Dois em Um

JULHO e Agosto são meses de ler. Já estou a ver uma data de intelectuais da nossa praça a comentar «mas que disparate esse de haver meses para a leitura».

Disparate ou não, a verdade é que há. E são, precisamente, Julho e Agosto. Vá lá, com um pouco de boa vontade, Setembro também. São, é óbvio, os meses de férias.

Toda a gente sabe que é em Dezembro que se vendem mais livros. Só que quem os compra é para dar e não para ler.

É que em Dezembro há coisas muito mais importantes que ler, salvo, evidentemente, para os profissionais da leitura, críticos incluídos, para quem os livros são o pão que comem e daí que naturalmente entendam que ler é um acto de cultura que deve mobilizar os cidadãos durante todo o ano.

Os cidadãos é que discordam do critério porque o pão, para eles, tem outras origens, e primeiro viver e só depois filosofar.

Mas é óbvio que também não se pode, como deve, ler fora do tempo recomendado.

Foi o que me aconteceu, ainda em Junho, com o «De Profundis – Valsa Lenta» do José Cardoso Pires, para o lançamento do qual recebi um amável convite do editor.

Não fui, ainda que com pena de não ter ido.

Mas acontece que é nestes ajuntamentos que comparece o maior número de chatos por metro quadrado, e eu já não tenho idade para os aturar.

Mandou-me o Zé um recado para não comprar o livro porque tinha dado instruções na editora para me enviarem o volume, que até já tinha dedicatória e tudo.

Ainda o não recebi. Se calhar, pensam, na Dom Quixote, que já mudei de residência para Salamanca, e para lá o mandaram.

Bem, como estava curioso, comprei o *book*, que até nem é caro, embora seja magrinho, e li-o.

E gostei. Gostei muito.

Vamos lá ver: eu até gosto mais do Zé Cardoso Pires do que dos livros do José Cardoso Pires. E, dos livros dele, do que mais gosto é do «Alexandra Alpha», que está longe de ser dos preferidos pelos seus numerosos leitores e admiradores.

Parece que começam agora a dar por ele, e ainda bem, porque é, de facto, o romance número um do artista Pires, como aliás logo lho disse quando veio à luz.

Quero então dizer que a «Alexandra» é que é boa, ou pelo menos melhor do que a «Valsa Lenta»?

Mas onde é que eu disse ou escrevi isso?

É que não têm nada que ver um com o outro.

O «Alexandra» é um romance bem urdido e bem escrito, o «De Profundis» é, ao que me parece e me parece que também parece ao autor, «uma memória».

Curiosamente, uma memória de falta de memória que o apanhou no seguimento ao acidente vascular cerebral que o afectou. Mas não é só da ausência de memória que ele nos fala ou escreve. No final do relato já lá está toda a ironia na descrição do comportamento hospitalar dos seus companheiros de quarto, senhores Ramiros e Martinho.

Toda a narrativa é excelente, e o quadro que nos é descrito arranha as sensibilidades mais empedernidas.

A prosa propriamente dita é a do José Cardoso Pires de sempre, o que quer dizer que é uma das melhores que por aí se fazem.

Há no livro uma circunstância que pode não estar ao alcance do leitor que seja só leitor mas que se encontra implícita para quem seja amigo do Zé: é a homenagem que ele rende à Edite, sua mulher.

Não necessitou, para a prestar, de um só adjectivo. Mas basta a permanência da Edite, de quem ele não se desliga em toda a recordação, para se adivinhar um ternurento «obrigado, mulher, és a maior». É que ela está mais presente do que Ele e quase tanto como o Outro.

Leiam o livrinho, senhoras e senhores, tanto mais que já estamos em Julho, e não se arrependirão.

E saibam que, tal como acontece com os produtos de beleza, sobretudo nos capilares, levam «dois em um» quando adquirem o «De Profundis – Valsa Lenta».

É que, a anteceder o texto propriamente dito, publica-se uma carta do prof. João Lobo Antunes «a um amigo novo», que não é a revelação mas a confirmação de um dos nossos mais saborosos prosadores contemporâneos. Senhor de uma cultura que se exprime em várias áreas, é lógico que naquela em que coincide com o domínio da ciência em que se profissionalizou atinge o cume e faz da carta a obra de arte que transforma o livro em tesouro.

E mais não digo porque estou farto de dizer bem e eu gosto mais de dizer mal.

Zé: para a semana, vamos comer um cozido. E tenho também todo o gosto em convidar o Professor para o repasto.



**JOSÉ
RABAÇA**